

A EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA DE FAMILIARES DE PESSOAS IDOSAS EM CUIDADOS PALIATIVOS

**THE PSYCHOLOGICAL EXPERIENCE OF FAMILY MEMBERS OF ELDERLY
PEOPLE IN PALLIATIVE CARE**

Ciências Humanas • 21/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/792373380](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/792373380)

Patrícia Pereira de Sousa Lourenço¹

Andressa Costenaro de Alencar²

RESUMO

O presente estudo aborda a experiência psicológica de familiares adultos que acompanham pessoas idosas em cuidados paliativos, buscando compreender os sentimentos, as dificuldades e as estratégias de enfrentamento vivenciadas diante do processo de adoecimento e da possibilidade de perda. Os cuidados paliativos são compreendidos como uma abordagem voltada à promoção da qualidade de vida, do conforto e da dignidade da pessoa com doença grave, considerando também as dimensões psicológica, social e espiritual. Nesse contexto, a família desempenha papel fundamental no cuidado, mas pode vivenciar sobrecarga emocional, alterações na rotina, ansiedade, tristeza, medo, insegurança e sentimentos de impotência. O estudo também destaca o luto antecipatório como uma experiência que pode surgir antes da morte, diante da percepção de uma perda possível ou próxima. Além disso, são discutidas as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos familiares, como a busca por apoio social, informações, recursos espirituais e acompanhamento dos profissionais de saúde. Ressalta-se, ainda, a importância da comunicação humanizada, do respeito à autonomia da pessoa idosa e da atuação da Psicologia no acolhimento e suporte aos familiares. Dessa forma, compreender as necessidades emocionais daqueles que acompanham pessoas idosas em cuidados paliativos mostra-se fundamental para a construção de práticas de cuidado mais humanizadas, integrais e sensíveis às particularidades de cada família.

Palavras-chave: Cuidados Paliativos; Pessoa Idosa; Família; Psicologia; Luto Antecipatório.

ABSTRACT

This study examines the psychological experience of adult family

members who care for older adults receiving palliative care, seeking to understand the feelings, difficulties, and coping strategies they experience in the face of the illness process and the possibility of loss. Palliative care is understood as an approach aimed at promoting quality of life, comfort, and dignity for individuals with serious illnesses, while also taking into account psychological, social, and spiritual dimensions. In this context, the family plays a fundamental role in caregiving but may experience emotional overload, changes in routine, anxiety, sadness, fear, insecurity, and feelings of helplessness. The study also highlights anticipatory grief as an experience that can arise before death, in the face of the perception of a possible or imminent loss. In addition, it discusses the coping strategies used by family members, such as seeking social support, information, spiritual resources, and guidance from healthcare professionals. It also emphasizes the importance of compassionate communication, respect for the autonomy of the older adult, and the role of psychology in welcoming and supporting family members. Thus, understanding the emotional needs of those who care for older adults in palliative care is essential for developing care practices that are more compassionate, comprehensive, and sensitive to the unique circumstances of families.

Keywords: Palliative Care; Older Adults; Family; Psychology; Anticipatory Grief.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo aborda a experiência psicológica de familiares adultos que acompanham pessoas idosas em cuidados paliativos. O objetivo é compreender os sentimentos, as dificuldades e as formas de enfrentamento presentes durante o adoecimento e diante da possibilidade de perda. Os cuidados paliativos constituem uma

abordagem destinada a promover qualidade de vida e aliviar o sofrimento relacionado a doenças graves, considerando não apenas a pessoa adoecida, mas também sua família e as dimensões físicas, psicológicas, sociais e espirituais do cuidado (BRASIL, 2023; Organização Mundial da Saúde, 2020).

Para os familiares, acompanhar uma pessoa idosa em cuidados paliativos pode representar uma experiência emocionalmente intensa. Além das responsabilidades relacionadas ao cuidado, esses familiares podem precisar lidar com mudanças na rotina, preocupações com o agravamento da doença, medo da perda, sentimento de impotência e a necessidade de se adaptar à possibilidade da morte. Dessa maneira, o estudo pretende compreender como os familiares vivenciam psicologicamente esse período e quais recursos utilizam para enfrentar as dificuldades relacionadas ao adoecimento e à proximidade da morte.

A pesquisa também buscará discutir o papel da Psicologia nesse contexto, considerando a importância do acolhimento e do suporte psicológico tanto para a pessoa idosa quanto para seus familiares. A pesquisa será delimitada à experiência emocional e psicológica de familiares adultos que acompanham pessoas idosas em cuidados paliativos, com ênfase nas repercussões psicológicas relacionadas ao processo de cuidado, à possibilidade de perda e à proximidade da morte. O estudo terá como foco a identificação e compreensão de sentimentos como medo, tristeza, ansiedade, culpa, impotência e sofrimento, além das possíveis mudanças provocadas pelo cuidado na rotina e nas relações familiares. Também será abordado o fenômeno do luto antecipatório, compreendido como uma experiência de sofrimento que pode ocorrer diante da percepção de

uma perda que ainda não aconteceu, mas que é considerada possível ou próxima.

Portanto, o estudo não terá como objetivo analisar exclusivamente os aspectos médicos dos cuidados paliativos. O recorte estará concentrado na dimensão psicológica da experiência dos familiares adultos de pessoas idosas em cuidados paliativos.

2. A EXPERIÊNCIA PSICOLÓGICA DE FAMILIARES DE PESSOAS IDOSAS EM CUIDADOS PALIATIVOS.

O envelhecimento não deve ser compreendido apenas pela presença de limitações ou doenças. A velhice é uma etapa da vida que envolve diferentes experiências e pode ser vivenciada de maneiras distintas por cada indivíduo. Entretanto, quando o envelhecimento está acompanhado de doenças crônicas ou condições que ameaçam a continuidade da vida, podem surgir novas necessidades de cuidado, tanto para a pessoa idosa quanto para seus familiares. Essa discussão será importante para contextualizar o cenário em que os cuidados paliativos se desenvolvem.

Os cuidados paliativos constituem uma abordagem voltada à promoção da qualidade de vida de pessoas que enfrentam doenças graves, buscando prevenir e aliviar o sofrimento e considerando aspectos físicos, psicológicos, sociais e espirituais. Nesse contexto, a morte não deve ser compreendida apenas como um evento médico, mas também como uma experiência humana que envolve a pessoa doente, seus familiares e os profissionais envolvidos no cuidado. A Organização Mundial da Saúde destaca que os cuidados paliativos devem contribuir para a qualidade de vida dos pacientes e de suas

famílias diante de doenças que ameaçam a vida (BRASIL, 2023; Organização Mundial da Saúde, 2020; International Association for Hospice and Palliative Care, 2018).

A família possui papel importante no acompanhamento da pessoa idosa em cuidados paliativos. Muitas vezes, os familiares participam diretamente da rotina de cuidado, acompanham consultas, auxiliam nas atividades diárias e oferecem suporte emocional. Entretanto, essa participação também pode gerar sobrecarga e mudanças na organização familiar. Nesse caminho, compreender a família como parte do processo de cuidado significa reconhecer que seus integrantes também possuem necessidades emocionais que precisam ser consideradas. A pesquisa buscará compreender essas repercussões a partir das experiências relatadas pelos próprios familiares.

O processo de luto pode ocorrer diante da perda de uma pessoa significativa, mas as experiências relacionadas à perda podem começar antes da morte, especialmente quando existe uma doença grave e progressiva. O conceito de luto antecipatório será utilizado para compreender as experiências emocionais que podem surgir diante da percepção de uma perda futura.

Parkes (1998) apresenta importantes contribuições para a compreensão do luto e das transformações provocadas pela perda. O autor considera que o processo de luto envolve mudanças emocionais e também a necessidade de reorganização da vida. Kübler-Ross também será utilizada como referência para discutir as experiências diante da morte e do morrer. É importante, entretanto, evitar interpretar suas proposições como etapas obrigatórias, pois as reações diante da morte não ocorrem necessariamente na mesma

ordem ou da mesma maneira para todas as pessoas (Kübler-Ross, 2017).

O adoecimento grave de uma pessoa próxima pode provocar diferentes formas de sofrimento nos familiares. A necessidade de lidar com mudanças na rotina, responsabilidades, incertezas e possibilidade de perda pode exigir a utilização de diferentes estratégias de enfrentamento. Por essa visão, o estudo buscará compreender como os familiares lidam com a situação vivenciada, considerando recursos individuais, familiares e sociais. As estratégias de enfrentamento serão analisadas a partir dos relatos dos participantes, buscando compreender quais recursos são percebidos como importantes para lidar com o sofrimento e com as demandas do cuidado.

A Psicologia possui papel importante no contexto dos cuidados paliativos, uma vez que pode oferecer espaço de escuta, acolhimento e elaboração das experiências relacionadas ao adoecimento, à finitude e à perda. A atuação psicológica pode ocorrer tanto com a pessoa em cuidados paliativos quanto com seus familiares, respeitando as necessidades apresentadas em cada momento.

Nesse contexto, o psicólogo pode contribuir para que os familiares encontrem um espaço seguro para expressar sentimentos, dúvidas, medos e dificuldades relacionadas ao processo de cuidado. A atuação profissional também pode favorecer uma compreensão mais humanizada da morte, respeitando os valores, desejos e particularidades da pessoa idosa e de sua família.

2.1. Envelhecimento, Adoecimento e Finitude.

O envelhecimento constitui uma etapa natural do desenvolvimento humano e não deve ser associado exclusivamente à presença de doenças, limitações funcionais ou perda de autonomia. A experiência da velhice é marcada por diferentes condições sociais, culturais, familiares e individuais, fazendo com que cada pessoa vivencie esse período de maneira singular. Entretanto, diante da presença de doenças crônicas, progressivas ou ameaçadoras da vida, podem surgir necessidades específicas de cuidado que ultrapassam a dimensão física e alcançam também aspectos emocionais, sociais e familiares.

O aumento da expectativa de vida e a maior prevalência de doenças crônicas tornam necessário ampliar a compreensão sobre o cuidado destinado à população idosa. Nesse cenário, o cuidado deve considerar não apenas o controle de sintomas, mas também a preservação da dignidade, da autonomia possível, da qualidade de vida e das relações significativas para a pessoa idosa.

Quando o adoecimento alcança estágios avançados, a possibilidade de cura pode deixar de constituir o principal objetivo da assistência. Dessa maneira, torna-se necessário compreender o cuidado como uma prática voltada à redução do sofrimento e à valorização da pessoa, considerando suas necessidades e seus desejos. Essa perspectiva contribui para a inserção dos cuidados paliativos como uma abordagem fundamental diante de doenças graves e ameaçadoras da continuidade da vida.

2.2. Cuidados Paliativos e Qualidade de Vida da Pessoa Idosa

Os cuidados paliativos constituem uma abordagem destinada a melhorar a qualidade de vida de pessoas que enfrentam doenças

graves, bem como de seus familiares. Essa modalidade de cuidado busca prevenir e aliviar o sofrimento por meio da identificação e do tratamento adequado de problemas físicos, psicológicos, sociais e espirituais.

A Organização Mundial da Saúde destaca que os cuidados paliativos devem considerar tanto a pessoa adoecida quanto sua família, reconhecendo que o sofrimento produzido por uma doença grave não se restringe ao indivíduo que apresenta o diagnóstico. Dessa forma, a assistência paliativa pressupõe uma compreensão ampliada do processo de adoecimento e das necessidades daqueles que participam diretamente do cuidado (Organização Mundial da Saúde, 2020; Ferrell et al., 2018).

No caso da pessoa idosa, essa perspectiva assume importância ainda maior, uma vez que frequentemente existem múltiplas condições crônicas associadas, alterações funcionais e necessidades complexas de cuidado. A abordagem paliativa, portanto, não deve ser entendida como abandono terapêutico, mas como uma forma de assistência que busca garantir conforto, dignidade e qualidade de vida diante de uma condição de saúde grave. A qualidade de vida, nesse contexto, deve ser compreendida de maneira multidimensional. Além dos aspectos físicos, devem ser considerados os vínculos familiares, a autonomia, a dimensão emocional, as crenças, os valores pessoais e a possibilidade de participação nas decisões relacionadas ao próprio cuidado.

2.3. A Família Como Parte do Processo de Cuidados Paliativos

A família ocupa posição fundamental no acompanhamento da pessoa idosa em cuidados paliativos. Em diferentes situações, os

familiares participam das atividades de cuidado, acompanham consultas e procedimentos, auxiliam na administração de medicamentos e assumem responsabilidades relacionadas à rotina da pessoa doente.

Embora essa participação possa representar uma importante fonte de apoio e segurança, ela também pode provocar mudanças significativas na dinâmica familiar. A necessidade de reorganizar horários, responsabilidades, atividades profissionais e relações pessoais pode produzir desgaste físico e emocional, especialmente quando o cuidado se prolonga.

Nesse sentido, a família não deve ser compreendida apenas como recurso para a assistência à pessoa idosa. Os próprios familiares também precisam ser reconhecidos como sujeitos que vivenciam o impacto do adoecimento e que podem apresentar necessidades específicas de cuidado.

A literatura contemporânea sobre cuidados paliativos evidencia a importância de uma abordagem centrada na pessoa e em seu contexto familiar. Essa perspectiva contribui para que as necessidades dos familiares sejam identificadas e acolhidas ao longo do processo, inclusive durante os períodos que antecedem e sucedem a morte (Ferrell et al., 2018).

2.4. Sobrecarga Emocional e Repercussões do Cuidado para os Familiares

O acompanhamento de uma pessoa idosa em cuidados paliativos pode produzir diferentes repercussões na vida dos familiares. Entre elas podem estar alterações na rotina, redução do tempo destinado às próprias necessidades, dificuldades profissionais, preocupações

financeiras, conflitos familiares e sentimentos relacionados à responsabilidade pelo cuidado.

A sobrecarga não deve ser compreendida exclusivamente como consequência da quantidade de tarefas realizadas. Ela também pode estar relacionada à maneira como o familiar percebe sua responsabilidade, aos recursos disponíveis, à qualidade das relações familiares e ao suporte social recebido.

O sofrimento emocional pode se intensificar diante da progressão da doença e da percepção de que a morte se aproxima. Medo, tristeza, ansiedade, insegurança, impotência e preocupação podem aparecer durante esse período. Entretanto, essas experiências não devem ser consideradas respostas universais, uma vez que cada indivíduo apresenta recursos psicológicos e sociais diferentes para enfrentar situações de perda e adoecimento.

Por esse motivo, torna-se importante oferecer espaços de escuta aos familiares, permitindo que suas experiências sejam reconhecidas e que possam expressar sentimentos e dificuldades sem julgamento. A identificação precoce de sinais de sofrimento pode favorecer a construção de estratégias de cuidado e encaminhamento quando houver necessidade de acompanhamento especializado.

2.5. Luto Antecipatório e Experiência da Perda

O luto está relacionado à experiência de perda de alguém significativo, mas suas manifestações podem começar antes da morte quando existe uma doença grave, progressiva e ameaçadora da vida. Nesse contexto, o familiar pode vivenciar mudanças na relação com a pessoa adoecida, perceber a redução de sua autonomia e antecipar a possibilidade de perda.

O luto antecipatório, portanto, pode envolver sentimentos de tristeza, medo, ansiedade, insegurança e preocupação diante de uma perda que ainda não ocorreu. Entretanto, sua manifestação não acontece de maneira padronizada. Cada pessoa pode responder à aproximação da morte de acordo com sua história, seus vínculos, suas crenças e os recursos disponíveis para lidar com a situação.

A compreensão contemporânea do luto também contribui para afastar a ideia de que existe uma única maneira correta de vivenciar uma perda. As experiências de luto são influenciadas pelo contexto social, cultural e familiar, podendo apresentar diferentes formas de expressão.

Nesse sentido, compreender o luto antecipatório dos familiares de pessoas idosas em cuidados paliativos permite reconhecer que o sofrimento pode estar presente antes mesmo da morte. A atenção psicológica nesse período pode oferecer suporte para a elaboração dos sentimentos, para a adaptação às mudanças e para a construção de recursos de enfrentamento.

2.6. Estratégias de Enfrentamento Diante do Adoecimento e da Possibilidade de Perda

Diante de uma situação de adoecimento grave, os familiares desenvolvem diferentes estratégias para lidar com as demandas emocionais e práticas impostas pelo contexto. Essas estratégias podem envolver a busca por informações, a aproximação de familiares e amigos, a utilização de recursos religiosos ou espirituais, a comunicação com profissionais de saúde e a reorganização da rotina.

O enfrentamento não deve ser entendido como um processo exclusivamente individual. Os recursos disponíveis no ambiente familiar e social também podem exercer influência importante sobre a maneira como o indivíduo lida com situações de estresse e perda. Assim, compreender as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos familiares pode contribuir para identificar fatores que favorecem a adaptação diante do processo de cuidado. Da mesma forma, permite reconhecer situações nas quais os recursos disponíveis não são suficientes para atender às necessidades emocionais apresentadas. A análise dessas estratégias será importante para a presente pesquisa, uma vez que permitirá compreender como os participantes significam suas experiências e quais recursos consideram importantes para enfrentar o adoecimento, a sobrecarga e a possibilidade de perda.

2.7. Comunicação, Autonomia e Tomada de Decisões no Final da Vida

A comunicação constitui um dos elementos fundamentais dos cuidados paliativos. Diante de doenças graves e progressivas, informações claras e humanizadas podem contribuir para que a pessoa idosa e seus familiares compreendam a situação vivenciada e participem das decisões relacionadas ao cuidado.

A comunicação no final da vida não deve limitar-se à transmissão de informações médicas. Ela também envolve escuta, acolhimento, respeito aos valores individuais e reconhecimento das necessidades emocionais da pessoa idosa e de sua família.

A possibilidade de participar das decisões pode favorecer maior sensação de autonomia e dignidade, especialmente quando os

desejos e valores da pessoa idosa são respeitados. Para os familiares, uma comunicação adequada também pode reduzir incertezas e favorecer melhor compreensão sobre a evolução do quadro clínico. Nesse contexto, a atuação interdisciplinar torna-se fundamental, pois diferentes profissionais podem contribuir para atender às dimensões que envolvem o processo de adoecimento e finitude.

2.8. A Atuação da Psicologia nos Cuidados Paliativos

A Psicologia apresenta importante contribuição no contexto dos cuidados paliativos por possibilitar a escuta e o acolhimento das experiências relacionadas ao adoecimento, à finitude, à perda e ao sofrimento emocional. A atuação psicológica pode ocorrer com a pessoa idosa, com seus familiares e, quando necessário, com os próprios profissionais envolvidos na assistência.

Com os familiares, o psicólogo pode oferecer um espaço protegido para expressão de sentimentos, dúvidas, medos e conflitos relacionados ao processo de cuidado. A intervenção pode favorecer a elaboração das mudanças vivenciadas, auxiliar na identificação de recursos de enfrentamento e contribuir para a adaptação diante da progressão da doença.

A atuação psicológica também pode auxiliar na comunicação entre familiares e equipe de saúde, contribuindo para que as necessidades emocionais sejam consideradas durante o processo de cuidado. Entretanto, a intervenção não deve impor uma maneira específica de vivenciar a morte ou o luto. Seu objetivo deve ser acolher a singularidade de cada experiência e oferecer recursos compatíveis com as necessidades apresentadas.

2.9. Suporte Psicológico aos Familiares e Prevenção do Sofrimento Intenso

Considerando as demandas presentes nos cuidados paliativos, o suporte psicológico aos familiares pode constituir importante estratégia de cuidado. A possibilidade de falar sobre sentimentos, medos e dificuldades pode favorecer a elaboração das experiências relacionadas ao adoecimento e à possibilidade de perda.

O acompanhamento psicológico também pode contribuir para identificar situações de sofrimento intenso, dificuldades persistentes de adaptação ou necessidade de encaminhamento para outros serviços de saúde. Dessa maneira, a assistência psicológica pode atuar tanto de forma preventiva quanto interventiva, respeitando os limites e as necessidades de cada indivíduo.

É importante destacar que oferecer suporte psicológico não significa eliminar o sofrimento inerente às experiências de adoecimento e morte. O objetivo consiste em proporcionar condições para que o familiar possa vivenciar esse período com maior suporte, compreensão e possibilidade de elaboração emocional.

2.10. A Importância de uma Abordagem Integral e Humanizada

A discussão apresentada demonstra que os cuidados paliativos precisam considerar a pessoa idosa e sua família de maneira integral. O sofrimento relacionado a uma doença grave não está limitado aos sintomas físicos, podendo envolver aspectos emocionais, sociais, familiares e espirituais.

Nesse cenário, uma abordagem humanizada pressupõe reconhecer a singularidade da pessoa idosa, respeitar seus valores e desejos e

considerar também as necessidades daqueles que participam do cuidado. A família deve ser incluída no processo assistencial não apenas como acompanhante, mas como parte integrante do contexto de cuidado.

A Psicologia, inserida na equipe multiprofissional, pode contribuir para essa perspectiva ao oferecer espaços de escuta, acolhimento e elaboração das experiências emocionais. A compreensão das necessidades psicológicas dos familiares pode favorecer intervenções mais adequadas e contribuir para uma assistência que valorize a dignidade e a qualidade de vida.

Dessa forma, investigar a experiência psicológica de familiares de pessoas idosas em cuidados paliativos mostra-se relevante tanto para a produção de conhecimento quanto para a qualificação das práticas de cuidado. Compreender sentimentos, dificuldades, estratégias de enfrentamento e necessidades de suporte pode contribuir para o desenvolvimento de ações psicológicas mais sensíveis às demandas presentes no processo de adoecimento e finitude

3. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo. A escolha desse delineamento decorre do objetivo de compreender, a partir da produção teórica reunida no próprio artigo, como são apresentadas as repercussões psicológicas vivenciadas por familiares de pessoas idosas em cuidados paliativos.

O corpus de análise foi constituído por obras e documentos relacionados aos cuidados paliativos, ao envelhecimento, ao luto, à

qualidade de vida, ao suporte familiar e à atuação psicológica. Foram consideradas a publicação da Organização Mundial da Saúde sobre cuidados paliativos, a publicação do Ministério da Saúde, as diretrizes do National Consensus Project for Quality Palliative Care, a definição de cuidados paliativos da International Association for Hospice and Palliative Care e as obras de Parkes e Kübler-Ross, pertinentes à discussão do luto e da finitude.

Para a organização do material, foi realizada leitura exploratória das referências, seguida de leitura analítica e interpretação dos conteúdos diretamente relacionados ao problema de estudo. Os achados foram agrupados por aproximação temática, considerando quatro eixos principais: repercussões emocionais e sobrecarga; luto antecipatório; estratégias de enfrentamento e suporte; e atuação da Psicologia e comunicação no cuidado.

Como critério de pertinência, foram considerados materiais que apresentassem relação direta com pelo menos um dos eixos do estudo e contribuíssem para a compreensão da experiência de familiares no contexto paliativo. Foram deixados de lado conteúdos que tratassem exclusivamente de aspectos biomédicos sem relação com as dimensões psicológicas, familiares ou psicossociais abordadas no artigo.

A análise foi conduzida de forma interpretativa, buscando aproximar e diferenciar os argumentos encontrados nas referências. Não foram coletados depoimentos, prontuários ou dados de participantes; portanto, os resultados apresentados a seguir correspondem aos achados da revisão bibliográfica e não devem ser interpretados como resultados de uma pesquisa de campo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do conjunto bibliográfico permitiu identificar quatro eixos recorrentes na compreensão da experiência dos familiares de pessoas idosas em cuidados paliativos. Os resultados apresentados nesta seção correspondem à síntese temática da literatura utilizada no artigo.

4.1. Repercussões Emocionais e Sobrecarga Familiar

O primeiro eixo aponta que o cuidado de uma pessoa idosa com doença grave pode repercutir na organização cotidiana e no estado emocional dos familiares. As referências analisadas convergem para a compreensão de que responsabilidades práticas, mudanças de rotina e preocupação com a evolução da doença podem produzir desgaste. Medo, tristeza, ansiedade, insegurança e sensação de impotência aparecem como experiências possíveis, sobretudo quando a família percebe maior proximidade da morte.

Outro resultado importante é que a sobrecarga não pode ser explicada apenas pela quantidade de tarefas. A disponibilidade de apoio, as condições sociais, os vínculos familiares e a forma como a responsabilidade é percebida interferem na experiência. Dessa forma, dois familiares submetidos a demandas semelhantes podem apresentar respostas emocionais diferentes.

4.2. Luto Antecipatório e Possibilidade de Perda

O segundo eixo evidencia que a experiência de perda pode anteceder a morte. Mudanças na autonomia, na comunicação, nas funções desempenhadas pela pessoa idosa e nas expectativas familiares podem fazer com que a possibilidade de perda esteja

presente durante o cuidado. O luto antecipatório, nesse sentido, representa uma possibilidade de experiência emocional, e não uma etapa obrigatória para todos.

A revisão também evidencia a necessidade de evitar modelos padronizados de luto. A literatura considerada sustenta uma compreensão mais singular do processo, na qual sentimentos, crenças, relações e recursos pessoais influenciam a forma de enfrentar a finitude.

4.3. Estratégias de Enfrentamento e Suporte

O terceiro eixo reúne estratégias relacionadas à busca de apoio e à reorganização da vida familiar. Entre os recursos destacados estão a procura por informações, o diálogo com profissionais de saúde, a aproximação de familiares e amigos, a espiritualidade e a redistribuição de tarefas. Esses recursos podem contribuir para a adaptação, especialmente quando existem redes de apoio disponíveis.

Também se observa que estratégias de enfrentamento podem perder eficácia quando as demandas se tornam intensas ou prolongadas. Nesses casos, a identificação de sinais de sofrimento persistente torna-se relevante para que o familiar receba acompanhamento adequado.

4.4. Psicologia, Comunicação e Cuidado Humanizado

O quarto eixo demonstra a importância da Psicologia e da comunicação no atendimento às necessidades subjetivas da família. O acolhimento psicológico aparece como possibilidade de oferecer espaço para expressão de sentimentos, elaboração de perdas,

compreensão das mudanças e fortalecimento de recursos de enfrentamento.

A literatura também atribui importância à comunicação clara e humanizada entre equipe, pessoa idosa e família. Quando os familiares compreendem a situação e podem participar das decisões dentro dos limites éticos e clínicos, tende-se a favorecer maior segurança e respeito à autonomia. A atuação multiprofissional é, portanto, apresentada como componente essencial de um cuidado integral.

5. CONCLUSÃO

A análise realizada evidencia que acompanhar uma pessoa idosa em cuidados paliativos pode constituir uma experiência complexa, na qual o familiar precisa lidar simultaneamente com responsabilidades de cuidado, mudanças na rotina, incertezas e possibilidade de perda. As repercussões emocionais identificadas na literatura incluem tristeza, medo, ansiedade, insegurança e sensação de impotência, mas sua presença e intensidade variam conforme a singularidade de cada família.

O estudo também evidencia que o luto pode começar antes da morte quando a doença provoca mudanças importantes na relação e nas expectativas. Compreender o luto antecipatório de maneira não rígida permite acolher diferentes formas de reação, evitando a ideia de que existe um único percurso emocional diante da finitude.

Outro aspecto central é a necessidade de incluir a família nas práticas de cuidados paliativos. Oferecer informação, favorecer comunicação humanizada, respeitar a autonomia da pessoa idosa e reconhecer as necessidades emocionais dos familiares são medidas

coerentes com uma abordagem integral. A família não deve ser tratada apenas como recurso disponível para a assistência, mas como parte da rede de cuidado que também necessita de atenção.

Nesse contexto, a Psicologia pode contribuir por meio da escuta, do acolhimento e do acompanhamento das repercussões emocionais do adoecimento e da perda. A atuação profissional deve respeitar diferentes crenças, histórias e maneiras de enfrentar a situação, evitando impor padrões de reação. Quando necessário, deve também favorecer a identificação de sofrimento intenso e a articulação com outros recursos da rede de saúde.

Conclui-se que a qualificação dos cuidados paliativos depende de uma perspectiva que considere a pessoa idosa e seus familiares em sua totalidade. A valorização da dimensão psicológica pode fortalecer práticas mais humanizadas e sensíveis, contribuindo para que o processo de adoecimento e finitude seja acompanhado com maior dignidade, suporte e respeito à singularidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de cuidados paliativos. 2. ed. rev. ampl. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.

FERRELL, Betty R. et al. National Consensus Project Clinical Practice Guidelines for Quality Palliative Care Guidelines, 4th edition. Journal of Palliative Medicine, v. 21, n. 12, p. 1684–1689, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1089/jpm.2018.0431>.

INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR HOSPICE AND PALLIATIVE CARE. Global consensus based palliative care definition. Houston, TX: IAHPC, 2018. Disponível em: <https://iahpc.org/what-we->

[do/research/consensus-based-definition-of-palliative-care/](https://www.researchgate.net/publication/358111111). Acesso em: 13 out. 2026.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. 10. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Palliative care. Genebra: World Health Organization, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/palliative-care>. Acesso em: 13 out. 2026.

PAGE, Matthew J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, v. 372, n. 71, 2021. DOI: 10.1136/bmj.n71.

PARKES, Colin Murray. Luto: estudos sobre a perda na vida adulta. São Paulo: Summus, 1998.

WHITTEMORE, Robin; KNAFL, Kathleen. The integrative review: updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005. DOI: 10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x.

¹ Discente do Curso Superior de Psicologia do Instituto FEST – Faculdade De Educação Santa Terezinha *Campus* Imperatriz. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Discente Professora Administradora, Advogada, Psicóloga e Teóloga. Especialista em Docência do Ensino Superior e em Gestão e Legislação Tributária. Especialista do Curso de Psicologia do Instituto

FEST – Faculdade De Educação Santa Terezinha *Campus* Imperatriz.

E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)